

AS HISTÓRIAS: ELVISA



Nome próprio: **ELVISA**

Apelido: **KANTAREVIC**

Age: **35**

País de origem: **BÓSNIA**

Vive na **Alemanha** since: **1992/2000**

RESUMO

Elvsa Kantarevic nasceu na Bósnia, tem uma irmã e um irmão. A família vivia na Bósnia, e quando as atrocidades da guerra com a Sérvia eclodiram em 1991, tiveram de fugir rapidamente do país. Chegou à Alemanha em 1992 onde viveu durante 5 anos, e durante este período sentiu-se como uma alemã. Porém em 1997 a família foi ameaçada de ser deportada de volta para a Bósnia. Partiu da Alemanha com a convicção de que um dia voltaria. Em 2000, obteve um visto de estudante e começou os seus estudos na universidade, junto com a sua irmã. Desde 2005, Elvsa é casada, tem 2 filhos, vive em Hamburgo e é Diretora do Departamento de Migração e Diversidade numa bem conhecida Agência de Educação.

“EU ERA UM ALEMÃ COM DATA DE VALIDADE.”

FUGA REPENTINA

Elvsa tinha 10 anos quando começou o conflito entre a Bósnia e a Sérvia. Realmente não sabia o que estava a acontecer, os adultos sempre tinham

alguns segredos. Um dia, a mãe da sua melhor amiga disse-lhe que não podiam mais brincar juntas, porque Elvsa era Bósnia. No mesmo dia, ouviu as primeiras bombas. Durante semanas compraram comida, e em pânico ficavam em casa e dormiam sempre vestidas. Então um dia, Elvsa e a sua irmã foram metidas num carro com a mãe e deixaram a Bósnia. As crianças não sabiam para onde estavam a ir. Como o pai já trabalhava na Alemanha como mineiro, a família dirigiu-se para a Alemanha.

PROCURA DO SEU LUGAR NA NOVA SOCIEDADE

O pai vivia em Gladbeck, uma pequena cidade na área mineira da Alemanha. Procurou um apartamento para a família, mas tudo o que conseguiu foi uma garagem. Viveram nessas condições durante 6 meses, mas Elvsa estava feliz, sentia-se segura e havia muitas pessoas no bairro que ajudavam com comida, doces, e estava a aprender o alemão.

Elvsa começou a escola no 5º ano, numa escola especial, mas em breve mudava para um Liceu porque aprendeu alemão e tudo o resto muito rapidamente. Encontrou amigos e destacou-se na escola, assim como a sua irmã, que estava um ano atrás dela. Foi inflexível na aprendizagem do alemão o mais rápido possível. Teve uma experiência decisiva, quando a sua irmã estava no hospital e não sabia comunicar quais eram os problemas. Ela e a irmã decidiram que precisavam aprender o idioma rapidamente. Conseguiram um dicionário e estudaram com afinco. Em breve traduziam todos os papéis oficiais ou acompanhavam os familiares ao médico para fazer a tradução. Mas não se importavam.

Mas só tinham autorização para permanecer na Alemanha por períodos de 6 meses, que tinham de ser renovadas periodicamente. Elvsa sentia-se como uma criança alemã, mas com prazo de validade.

AS HISTÓRIAS: ELVISA

E então veio o horror. Chegou a ordem de deportação, quando estava no 9º ano. Havia uma mulher no bairro que não aceitou essa decisão. Divulgou o acontecimento e outros juntaram-se a ela no esforço para mudar essa decisão. Conseguiram, mas apenas em parte. Elvisa e a sua irmã poderiam ficar, por mais um ano, até terminarem a escola - mas apenas com um dos pais. Assim, a sua mãe e o irmão mais novo partiram e as irmãs e o pai permaneceram na Alemanha, por mais um ano.

REGRESSO E PERTENÇA, FINALMENTE

Passado um ano, voltaram para a Bósnia. Frequentaram a escola por mais três anos, depois Elvisa e a sua irmã pediram um visto para a universidade e tiveram muita sorte em conseguir ambas o visto. Estudaram “língua alemã e filosofia” na Universidade de Bochum e terminaram em 2005 o bacharelato.

Durante toda a sua vida profissional, Elvisa tentou ajudar os que estão na mesma situação que ela: ser um estranho num país. Foi conselheira para jovens migrantes, e depois mudou-se para a Agência para a Migração e Diversidade, que hoje dirige. Organiza eventos, trabalha em projetos e, em rede, tenta melhorar a situação dos migrantes no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, ajuda os outros que lutam e ainda apoia financeiramente a sua família na Bósnia. O mais recente projeto visa a formação de mentores para ajudar os refugiados que começam a trabalhar na Alemanha.

Em 2005, casou-se e tem dois filhos. Sente que agora pertence à Alemanha e à sociedade alemã. Em 2008, obteve a cidadania alemã. A Bósnia ainda é a sua “casa”, por causa da família e dos amigos. Mas na Alemanha também está em casa. E ela orgulha-se de ser alemã.

É
preciso
força de vontade
para fazer parte da
vizinhança